

A INTERFERÊNCIA DA LÍNGUA MATERNA NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA

Claudia Patricia Galindo dos SANTOS (Graduanda/Uneal)
Joyce Rodrigues da Silva MAGALHÃES (Mestranda/Uneal)

Resumo: Durante o processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira (LE) é quase impossível o não uso da língua materna (LM), no caso do Brasil o português. Ao se dispor a aprender uma nova língua o aprendiz já possui conhecimento de sua língua materna fazendo assim transferências linguísticas entre uma e outra. Diante disso pretende-se, neste trabalho, discutir quais os benefícios e malefícios do uso da LM no processo de ensino-aprendizagem, sob a luz de teóricos como, Platero (2002), Faleiros (2004) e Lightbown; Spada (1993). Primeiramente foi feita uma breve análise dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) referente ao modo de como a LE deve ser ensinada, qual competência desenvolver e suas justificações para tais. Foi usada para a coleta de dados a pesquisa de campo que se constituiu na observação de aulas de língua inglesa e aplicação de questionário. Foi constatado que boa parte dos alunos acredita que a LM ajuda na aquisição da LE – no caso desta pesquisa, o inglês. É importante ressaltar que para a maioria há falta de conhecimento prévio da língua alvo, dificultando o entendimento do novo idioma; por isso, se faz necessário o estudo dessa interferência mencionada nos diferentes níveis de conhecimento.

Palavras-chave: língua inglesa, língua materna, ensino-aprendizagem

Introdução

O uso da língua materna (doravante LM) é quase inevitável por parte dos aprendizes no processo de aprendizagem de uma segunda língua ou língua estrangeira (Doravante LE). Esse fato é justificado pela presença do conhecimento prévio adquirido da LM nos primeiros anos de vida, motivo causador de transferências linguísticas entre uma língua e outra. “Todos os alunos de segunda língua, independentemente da idade, já adquiriram pelo menos um idioma. Esse conhecimento prévio pode ser uma vantagem no sentido de que o aluno tem uma ideia de como as línguas funcionam.” (LIGHTBOWN; SPADA, 1993, p. 21).¹

Há controvérsias referentes ao uso da LM; alguns teóricos como Cook (2001) e Auerbach (1993) incentivam o seu uso como ferramenta facilitadora no processo de ensino-aprendizagem. Outros como Gabrielatos (1998) e Turnbull, (2001) dizem ser prejudicial o uso da língua materna por tirar o foco da língua alvo. De qualquer forma é necessário que se tenha

¹ Tradução da autora.

bom senso na hora da utilização da LM no ensino de LE, pois ela “distrai a atenção do aluno dos meios pelos quais a língua estrangeira expressa significados” (WIDDOWSON, 1991, p. 36).

O presente trabalho procura investigar a interferência da língua materna no ensino-aprendizagem de língua inglesa (Doravante LI). Para a obtenção de dados foi realizada uma pesquisa bibliográfica e de campo que se constituiu na observação de aula e aplicação de questionário contendo 14 perguntas, sendo elas abertas e de múltipla escolha, referentes ao presente tema. O questionário foi aplicado numa escola estadual para alunos do primeiro ano do ensino médio.

Neste trabalho abordou-se a importância da LI no cenário atual com o intuito de justificar a necessidade da competência nas quatro habilidades comunicativas. *A posteriori* analisou-se os Parâmetros Curriculares Nacionais a fim de observar quais habilidades devem ser desenvolvidas e quais justificativas são dadas para tais recomendações.

Por fim serão apresentadas as análises do questionário. É importante mencionar que não serão divulgados os nomes dos alunos nem da escola participantes das pesquisas por motivos de ética, apenas as respostas pertinentes ao assunto serão utilizadas.

Inglês como língua franca e a importância do seu aprendizado

Durante muito tempo a matéria de língua estrangeira foi tratada de maneira isolada e pouco relevante, porém, com o passar do tempo esse quadro vem mudando. Com a inserção desta matéria na área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias – no ensino médio – vem-se comprovar o caráter simbólico que todas as línguas naturais possuem, sendo utilizadas como ferramenta para comunicação e para obtenção de conhecimentos. Embora a LI não seja a língua mais falada, tem grande destaque no mundo econômico, nas relações internacionais e na cultura. Dominá-la se tornou de extrema necessidade pelo motivo de ser uma língua franca, ou seja, é a língua utilizada para a comunicação entre falantes de línguas maternas diferentes.

Como o latim na Europa na Idade Média, o inglês parece ser uma das principais línguas de comunicação internacional, e até mesmo pessoas que não são falantes de inglês frequentemente conhecem palavras como bank, chocolate, computer, hamburger, hospital, hot dog, hotel, piano, radio,

restaurant, taxi, telephone, television, university e walkman. (HARMER, 2004, p. 1).

Com o advento das tecnologias a barreira do espaço físico foi quebrada aproximando pessoas de diferentes culturas. Para que essa aproximação seja possível é necessário estabelecer uma língua com a qual os indivíduos possam se fazer entender, não importando seu lugar de nascimento ou sua língua materna. Com isto não se está fazendo pouco caso das outras línguas, mas sim ressaltando a importância de se ter domínio da LI.

Ter o domínio da língua inglesa também viabiliza uma obtenção maior de informações. A gama de conhecimentos disponíveis nesta língua na rede mundial de comunicação é quase ilimitada, não se pode negar que uma pessoa com conhecimentos em LI tem mais acesso à informação. Além de tudo, temos benefícios no desenvolvimento comportamental, neuropsicológico e o estabelecimento de conexões neurais mais fortes por parte daqueles que falam uma segunda língua; observou-se também que nestas pessoas há uma maior densidade da matéria cinzenta (conexões neurais) (MECHELLI et al., 2004).

Análise dos Parâmetros Curriculares Nacionais de língua estrangeira do Ensino Médio (PCNEM)

A pesquisa de campo deste trabalho, como mencionada anteriormente, foi desenvolvida em uma classe do primeiro ano do ensino médio; por esta razão analisamos o PCNEM. O documento em questão abrange de maneira satisfatória todos os aspectos referentes ao ensino-aprendizagem de LE, desde qual língua deve ser escolhida para inclusão no currículo escolar até os objetivos pelos quais esta matéria deve ser ensinada e consequentemente aprendida.

No PCNEM a LI não é colocada como a língua padrão para a matéria de língua estrangeira; ao invés disto, alguns fatores determinam sua escolha. Dentre eles, temos os fatores culturais, históricos e sociais da região onde se dará o ensino. Analisando esses fatores, é possível dizer que a Língua Inglesa está em comunhão com todos eles, pois no momento histórico no qual estamos inseridos ter domínio da LI se tornou indispensável. As justificativas para tal afirmação estão presentes no segundo tópico deste mesmo trabalho.

Embora a LI tenha grande destaque no mundo atual, outras línguas estrangeiras deveriam também ser ofertadas como possibilidade de escolha pelo aprendiz, porém a falta de profissionais formados e qualificados em outras línguas dificulta a realização desta proposta.

Embora a visão do ensino da LI tenha mudado com o passar do tempo, temos ainda algumas barreiras a transpor. É notável que muitas vezes o processo de ensino-aprendizagem de LI esteja pautado numa abordagem voltada somente para a competência da leitura. Com isso não nos referimos ao documento em questão, mas sim à realidade das aulas nas escolas da rede pública de ensino. Para que houvesse um maior rendimento nas aulas de LI, os problemas de infraestrutura, escassez de material didático, classes superlotadas e falta de profissionais qualificados, deveriam ser de alguma forma, se não solucionados, no mínimo amenizados.

O ensino pautado apenas nas competências linguísticas, ler, escrever, ouvir, falar, muitas vezes é o fator causador da desmotivação de alunos e professores. Quando se aprende algo é esperado que isto faça, de alguma maneira, parte significativa da vida daqueles que estão aprendendo. Um ensino descontextualizado e isolado da LI, focado apenas em regras gramaticais, embora as quatro habilidades devessem ser ensinadas e aprendidas, tira desta matéria parte da sua importância.

entretanto, o trabalho com as habilidades linguísticas citadas, por diferentes razões, acaba centrando-se nos preceitos da gramática normativa, destacando-se a norma culta e a modalidade escrita da língua. São raras as oportunidades que o aluno tem para ouvir ou falar a língua estrangeira. Assim, com certa razão, alunos e professores desmotivam-se, posto que o estudo abstrato do sistema sintático ou morfológico de um idioma estrangeiro pouco interesse é capaz de despertar. (BRASIL, 2000, p. 28)

No PCNEM (BRASIL, 2000, p. 28) as competências que deveriam ser dominadas são dispostas da seguinte maneira:

- Saber distinguir entre as variantes linguísticas
- Escolher o registro adequado à situação na qual se processa a informação.
- Escolher o vocábulo que melhor reflita a ideia que pretenda comunicar.

- Compreender de que forma determinada expressão pode ser interpretada em razão de aspectos sociais e/ou culturais.
- Compreender em que medida os enunciados refletem a forma de ser, pensar, agir e sentir de quem os produz.
- Utilizar os mecanismos de coerência e coesão na produção em língua estrangeira (oral e/ou escrita).
- Utilizar as estratégias verbais e não verbais para compensar falhas na comunicação².

É de extrema importância ressaltar que os componentes acima estão intrinsecamente inter-relacionados no ato da comunicação, pois não há como aprendê-los separadamente. Para que haja uma aprendizagem significativa, é recomendável saber o porquê de se estar aprendendo algo e que isto esteja de alguma forma presente na vida cotidiana de quem está aprendendo. Portanto, é de responsabilidade do professor contextualizar a matéria para os alunos.

Outro ponto abordado no PCNEM é o da natureza interdisciplinar que a matéria de LE no ensino médio tende a desenvolver. É possível o engajamento de diferentes áreas do conhecimento, uma vez que a linguagem é o instrumento que nos possibilita a aquisição de informações. É através dela que somos capazes de entender a matemática, biologia ou obter nosso conhecimento enciclopédico (conhecimento de mundo) adquirido ao longo da vida. Alguns exemplos são dados no documento para dar suporte a esta ideia de interdisciplinaridade, e o ensino do léxico da alimentação é um deles. É interessante que as listas de vocabulário são criticadas, algo frequentemente usado por professores de línguas; é oferecida então uma forma mais didática de apresentar o tema:

Por que não buscar outras formas mais adequadas para abordar essa questão? Em lugar de trabalhar com listas que poucos resultados práticos oferecem, já que se apoiam, quase exclusivamente, na realidade brasileira, o professor pode tratar o tema da alimentação em conjunto com o professor de Geografia. Pode ser feito um estudo do clima e do solo do país onde se fala a língua-alvo, para chegar-se a discutir questões como hábitos alimentares. (BRASIL, 2000, p. 30)

² Texto retirado dos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio, 2000, p. 28-29.

Ficou claro que o PCNEM incentiva o ensino das quatro habilidades comunicativas juntamente com as competências anteriormente mencionadas. Diferentemente do PCN para o Ensino Fundamental (1998), este documento em questão não menciona se a língua materna deve ou não ser utilizada em aula. Porém, como há forte incentivo do desenvolvimento da habilidade da fala, deduzimos que quanto mais o aluno for exposto à língua-alvo mais fácil se tornará a compreensão e conseqüentemente o desenvolvimento da competência discursiva.

É indispensável observar se os alunos a quem se dirigirá o ensino de LI já possuem um conhecimento prévio da língua; caso contrário será quase impossível o não uso da língua materna; porém, esta deve ser usada de maneira moderada no caso de explicações mais complexas em que não se possa entender o assunto tratado exclusivamente na LI.

Segundo Barnabé (2008) a tradução poderá ser usada como ferramenta auxiliadora no momento em que for realizada no nível de uso:

quando o aprendiz é capaz de reconhecer atos de comunicação como descrição, instrução, identificação e outros mais que na LE são expressos de uma maneira e na sua própria língua de outra. Assim, a tradução no nível de uso é vista como um recurso eficaz, uma vez que o aluno aprende a relacionar e comparar as diferentes maneiras de se expressar na língua materna e na LE. (BERNABÉ, 2008, p. 4)

Usos da língua materna

Algumas pesquisas mostram que muitas vezes professores veem a língua materna como uma ameaça ao desempenho dos alunos nas aulas de LE. As razões para tal fenômeno estão presentes em crenças da sociedade; uma delas é que a abordagem monolíngue seja a mais eficaz, ou seja, na visão de tal abordagem professores nativos seriam mais indicados para o ensino da língua. Assim, alguns professores seguidores da abordagem monolíngue acreditam que o uso da LM pode acarretar na transferência de erros entre as duas línguas, a materna e a estrangeira. Segundo Spada (2004), embora os erros em sua maioria sejam vistos como ponto negativo, eles podem auxiliar o professor a mapear em quais assuntos os erros são mais frequentes e então tentar resolvê-los, como também podem ajudar na avaliação do progresso dos alunos.

Alguns fatores aqui já dispostos anteriormente, como os problemas de infraestrutura, falta de professores qualificados e a desmotivação por parte de alunos e professores, são usados como justificativas para o uso da LM como ferramenta de ensino, usando a LE apenas para exemplificações gramaticais da língua. É quase impossível o completo esquecimento da LM no processo de ensino-aprendizagem, porém deve-se analisar, se os alunos têm ou não conhecimento prévio da língua-alvo e o estágio do curso (a familiaridade entre professor e alunos pode facilitar a transmissão de conhecimentos).

Harmer (2002) aponta alguns porquês dos alunos para usarem a LM: alguns recorrem a ela quando não encontram uma maneira satisfatória para transmitir o que querem, quando a atividade proposta em sala não condiz com o nível de conhecimento, ou o fato do professor usar com frequência a LM deixando o aluno confortável para usá-la sempre que desejar.

Alguns autores acreditam que a LM pode ser usada como ferramenta facilitadora na aprendizagem de LE. Atkinson (1987), para dar suporte às suas ideias, sugere alguns usos apropriados da LM em sala: 1) Obter a linguagem: Como se diz alguma palavra em LE; 2) Checar a compreensão; 3) Dar instruções complexas nos níveis básicos; 4) Cooperar em grupos; 5) Explicar a metodologia da sala de aula em níveis básicos; 6) Usar a tradução para esclarecer um item linguístico recém-ensinado; 7) Verificar o sentido do que se fala ou escreve; 8) Usar a tradução para testar o domínio de formas e significados; 9) Desenvolver estratégias perifrásticas, isto é, quando os alunos não sabem como dizer algo na LE, devem pensar em modos diferentes para dizer a mesma coisa na língua materna que seja mais fácil de ser traduzida.

Nos itens 6 e 8 é notável que se recomenda o uso da tradução – assunto brevemente discutido neste trabalho – para checar o domínio de novos itens linguísticos ou para esclarecer dúvidas sobre estes. De acordo com Faleiros (2004) a tradução mental por parte dos alunos é inevitável, porém o uso demasiado desta ferramenta pode suprimir o conhecimento adquirido da LI. Vejamos o que o autor fala a seguir:

Sabemos que os alunos usam a tradução mentalmente ou entre eles, querendo os professores ou não. Porém, concentrar-se muito na tradução pode impedir que os alunos usem o conhecimento que têm da língua estrangeira. Sendo assim, fica claro que a tradução tem lugar no ensino de

língua estrangeira, mas não deve ser usada aleatoriamente. (FALEIROS, 2004, p. 54)

Platero (2012) acredita que no ensino de língua estrangeira a língua-alvo deve ser usada ao máximo, uma vez que é ela que os alunos estão aprendendo. Além dos motivos, aqui já abordados, pelos quais os alunos recorrem à LM, temos também a presença do medo de errar que inibe a expressão de ideais na LE.

Há alguns benefícios apresentados pelo uso da LM como maior confiança do aprendiz no que foi explicado, maior facilidade para quebrar as barreiras afetivas, tornar o aprendizado mais leve e, segundo Harbord (1992), adquirir conhecimento intuitivo da gramática universal. Contudo autores como Pacek (2003 apud MILES, 2004, p. 9) e Mello (2004) acreditam que o uso da língua materna deva ter algumas restrições, pois seu uso demasiado pode passar a imagem de que há uma perfeita equivalência entre a LM e a LE. Outro fator negativo decorrente da utilização da LM seria a contribuição para a desmotivação dos alunos, já que não sentiriam a necessidade de se comunicar na língua-alvo, recorrendo à LM sempre que for necessário.

Análise da aula e do questionário

Far-se-à uma breve análise das observações retiradas da aula usada na pesquisa de campo e posteriormente serão mostradas quais foram as opiniões dos alunos referentes ao uso da LM durante as aulas de LI. A pesquisa de campo se deu numa escola estadual em uma turma do primeiro ano do ensino médio durante o mês de julho de 2017. Ao todo, 13 alunos participaram da pesquisa.

A aula foi pautada nas atividades sugeridas pelo livro didático. A língua-alvo (inglês) foi utilizada esporadicamente apenas para leitura de enunciados e traduções dos mesmos, o assunto explicado foi o uso do prefixo -re (utilizado quando queremos dar a ideia de refazer algo, Ex: *write – rewrite / start – restart*) e do sufixo -er (utilizado quando queremos transformar a ação do verbo na pessoa que realiza a ação, Ex: *Teach-Teacher / Drive – Driver*). A tradução foi realizada no nível da forma, palavra por palavra, quando segundo Widdowson (1991) a melhor maneira de utilizá-la seria no nível de uso.

Sempre que necessário eram dadas explicações de vocabulário na sua maioria de forma contextualizada com algo do cotidiano dos alunos, construindo assim uma aprendizagem significativa; o dicionário foi requerido algumas vezes durante a aula para a busca dos significados dos vocábulos desconhecidos. Embora a professora não tenha utilizado listas de vocabulário como ferramenta metodológica, a explicação de regras da gramática normativa foi amplamente discutida, e com o passar da hora foi-se adicionando novas sequências de verbos. *A posteriori* a professora questiona a respeito do significado/tradução da expressão *a lot of*; o *aluno1* (em favor da ética números serão utilizados para definir os alunos) responde: “Falar?”

Professora: [responde que não e gesticula com a boca para demonstrar a ação do verbo, talk.]

Aluno2: “*a lot of* significa muito?”

Professora: “isso mesmo, *a lot of* significa: uma porção de, mas ninguém vai dizer isso e por isso é traduzido por muitos.”

O exemplo mencionado acima pela professora mostra que nem sempre a tradução no nível da forma trará um equivalente na língua materna, ressaltando, mais uma vez, que os usos, tanto da tradução quanto da língua materna, devem ser recursos adotados de forma cuidadosa.

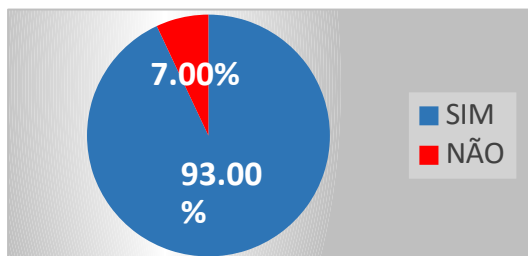
Questionário

O questionário foi aplicado na semana seguinte à observação da aula e continha quatorze perguntas, sendo elas abertas e de múltipla escolha. Para estas últimas se fará uso de gráficos.

Em um total de 13 alunos que responderam ao questionário, a grande maioria acredita que o uso da gramática e da língua materna ajuda a facilitar o aprendizado e o torna mais rápido. Acreditam também ser importante o estudo das regras gramaticais na medida em que estas são necessárias para a construção de enunciados em LI. Apenas dois disseram que a LM não ajuda muito na aquisição da LE, e um aluno disse não ajudar.

A questão número 4 se referia ao nível de conhecimento nas quatro habilidades comunicativas, ouvir, falar, ler e escrever. Em todas as habilidades o nível escolhido foi o “pouco” mostrando que os alunos não têm uma base sólida e prévia da LI, tornando difícil ministrar a aula inteiramente na língua-alvo.

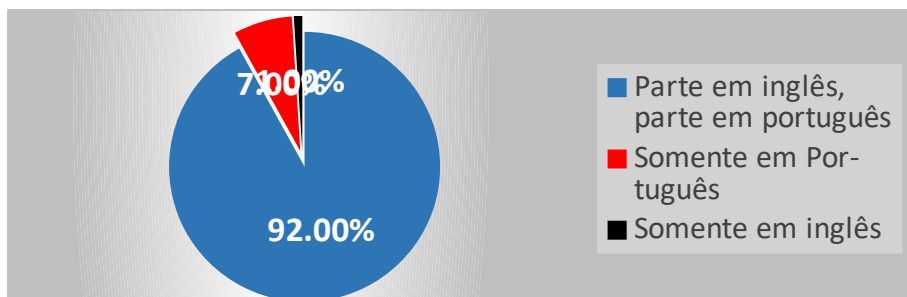
A oitava questão perguntava se eles (os alunos) acreditavam que o português ajuda no aprendizado do inglês. Segue abaixo o gráfico referente à questão:



Elaboração: Claudía. P. G. dos Santos, 2017

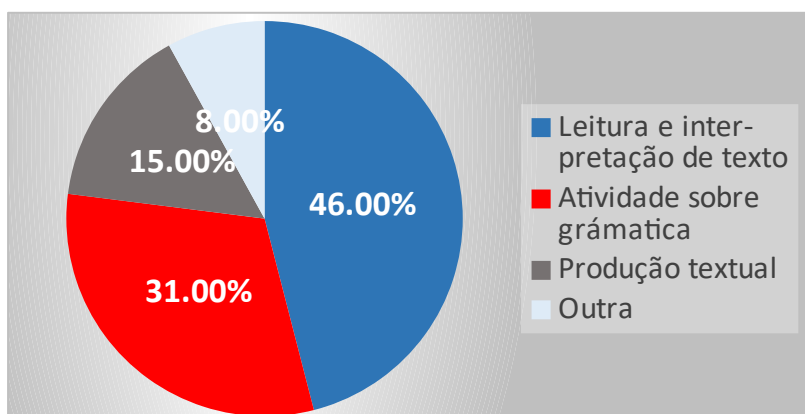
Analizando o percentual vemos que 93% acredita que sim, o uso da LM facilita o aprendizado da LI, uma vez que seu uso faz com o que o assunto seja mais facilmente entendido.

Décima questão: você gostaria que suas aulas de inglês fossem ministradas em: somente em inglês, somente em português ou parte em inglês, parte em português? No gráfico a seguir vemos que a preferência dos alunos é que as aulas sejam mescladas, parte em inglês, parte em português. De acordo com o nível de conhecimento que eles têm, essa seria uma forma eficaz de introduzir a LI durante as aulas e com o avanço da turma talvez fosse possível a aplicação da abordagem comunicativa. Nesta abordagem, segundo Leffa, “A língua era analisada não como um conjunto de frases, mas como um conjunto de eventos comunicativos.” (LEFFA, 1988)



Elaboração: Cláudia. P. G. dos Santos, 2017

A décima segunda questão mostrou que a atividade na qual os alunos mais recorrem ao português são, respectivamente, leitura e interpretação de texto e atividades sobre gramática. 15% afirmou usar a LM durante a produção textual.



Elaboração: Cláudia. P. G. dos Santos, 2017

Considerações finais

O que fizemos, neste trabalho, foi refletir sobre o uso da LM no processo de ensino-aprendizagem de LI, através da pesquisa bibliográfica e da análise qualitativa e quantitativa das respostas propostas no questionário aplicado. Embora haja grande divergência sobre este assunto, cabe ao professor analisar os seus alunos e daí resolver quanto e em quais situações o uso da LM poderá ajudar a facilitar a aprendizagem e quando o seu uso poderá trazer resultados negativos.

Contudo, sabemos que os alunos devem estar expostos ao máximo à língua-alvo para que se atinja o nível de fluência desejado, dando-lhes a possibilidade de se comunicar sem maiores problemas na língua estudada.

Referências

ATKINSON, David. The mother tongue in the classroom: a neglected resource? *English Language Teaching Journal*, v. 41, n. 4, p. 241-247, 1987.

BERNABÉ, Flávia. O uso da língua materna no ensino de língua estrangeira – Diálogos Pertinentes. *Revista Científica de Letras*, Franca, v. 4, n. 4, p. 243-257, jan.-dez. 2008.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. *Parâmetros curriculares do ensino médio*. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica: Brasília, 2000. v. 1.

FALEIROS, M. H. V. *A influência de atividades orais na produção oral e escrita de alunos de inglês como L2*. 2004. 131 f. Dissertação (Mestrado em Ciências e Práticas Educativas). Universidade de Franca, Franca, 2004.

HARBORD, John. The use of the mother tongue in the classroom. *ELT Journal*, v. 46, n. 4, p. 350-355, 1992.

HARMER, J. Please Speak English. *ELT Forum*, Classroom Management, n. 4, 2002.

HARMER, J. The world of English. In: HARMER, J. *The practice of English language teaching*. 3. ed. Harlow: Longman, 2004. p. 1-11

LEFFA, Vilson J. *A lingüística aplicada e seu compromisso com a sociedade*. Trabalho apresentado no VI Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada. Belo Horizonte: UFMG, 7-11 de outubro de 2001.

LIGHTBOWN, P. M.; SPADA, N. *How languages are learned*. Oxford: Oxford University Press, 1993.

MECHELLI, A et alii. Structural plasticity in the bilingual brain. *Nature*, p. 431-757, 2004.

MELLO, Heloisa A B. de. *L1: Madrinha ou Madrasta? O Papel da L1 na Aquisição de L2*. *Signótica*. v. 16, n. 2, Goiânia, p. 213-242, 2004. Disponível em: < <http://www.revistas.ufg.br/index.php/sig/article/view/3743/3505>>. Acesso em: 1 mai. 2017.

PACEK, D. *Should EFL Give Up on Translation?* Talk Given at the 11th Annual Korea TESOL International Conference, October 18th, 2003, Seoul.

PLATERO, L. *Trabalhando habilidades, construindo competências: leitura e escrita*. Disponível em: <<http://www.sbs.com.br>>. Acesso em: 28 abr. 2017.

SPADA, Nina. Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Estrangeira: uma entrevista com Nina Spada. Trad. Gabriel de Ávila Othero. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*, v. 2, n. 2, 2004.

WIDDOWSON, H. G. *O ensino de línguas para a comunicação*. Trad. de J. Carlos P. Almeida Filho. Campinas: Pontes, 1991.